



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARCONDES DOS RAMOS SANTOS FILHO

**EMANCIPAÇÃO HUMANA E SOCIAL NO NÚCLEO MUSICAL DO  
PROJETO SOCIAL PEIXOTINHO**

RECIFE

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**EMANCIPAÇÃO HUMANA E SOCIAL NO NÚCLEO MUSICAL DO PROJETO  
SOCIAL PEIXOTINHO**

Monografia apresentada pelo aluno Marcondes dos Ramos Santos Filho ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Orientador: Prof.º Dr.º Paulo Afonso Barbosa de Brito.**

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F481e

Filho, Marcondes dos Ramos Santos  
EMANCIPAÇÃO HUMANA E SOCIAL NO NÚCLEO MUSICAL DO PROJETO SOCIAL PEIXOTINHO /  
Marcondes dos Ramos Santos Filho. - 2021.  
51 f. : il.

Orientador: Paulo Afonso Barbosa de Brito.  
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em  
Ciências Sociais, Recife, 2021.

1. Emancipação humana. 2. Emancipação social. 3. Peixotinho. 4. Educação Musical. 5. Sociologia da Educação. . I.  
Brito, Paulo Afonso Barbosa de, orient. II. Título

CDD 300

---

MARCONDES DOS RAMOS SANTOS FILHO

**EMANCIPAÇÃO HUMANA E SOCIAL NO NÚCLEO MUSICAL DO  
PROJETO SOCIAL PEIXOTINHO**

Monografia aprovada em \_\_\_/\_\_\_\_\_/2021, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Nota: \_\_\_\_\_ Professor Dr. Paulo Afonso Barbosa de Brito – UFRPE (orientador)

---

Nota: \_\_\_\_\_ Professora Dra. Júlia Figueredo Benzaquen – UFRPE

---

Nota: \_\_\_\_\_ Professor Dr. Marcos André de Barros – UFRPE

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha família por todos os momentos de suporte na vida, especialmente aos meus pais Sheyla e Fábio, aos meus avós maternos, Marluce e Valdomiro junto à minha Tia, Sandra; aos meus avós paternos Miriam e Givanildo pelo suporte na vida. E também à minha irmã, Gabriella, junto a Higor, pelas conversas e dias que nos foi possível contato. Agradeço também a Bruce, Diana, Frederico e à memória de minha querida Dora. Agradeço a Dharma pelo apoio emocional, moral, profissional, acadêmico e familiar durante esses últimos anos. Agradeço ao meu primo Arthur pelo apoio na vida e nos momentos de distanciamento social durante esses dois anos de pandemia. Agradeço a uma amiga sempre presente mesmo que distante, Raquel, por me levar à razão em muitas escolhas que precisei tomar. Agradeço ao meu professor, maestro e amigo, Rafael Dantas, pela paciência e por todo o suporte educacional, moral e profissional até aqui, e na realização deste trabalho. Agradeço às professoras Júlia Benzaquen, Gilca Xavier, Maria do Rosário, e ao professor Marcos André, e mais especialmente ao meu orientador e professor, Paulo Afonso, pela ajuda e suporte na construção dessa monografia desde o projeto, mesmo nesse período conturbado de crise sanitária, política, humana e de distanciamento social que vivemos.

Agradeço a todas as pessoas que foram ou ficaram, mas que de fato fizeram parte desse meu processo universitário e de humanização.

*“– Ei, soldadinho, tá perdidinho  
O lance é inventar  
Fazer teu próprio amanhã”*

*(Supercombo)*

## RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar os processos de emancipação humana e social possibilitados pelo trabalho social, artístico e educacional desenvolvido pelo projeto musical Peixotinho. A pesquisa se insere no contexto atual de ensino e aprendizagem musical na organização não governamental (ONG) para crianças e jovens vindos de comunidades vizinhas ao Projeto e em sua maioria das classes populares de Recife e Olinda. Apresento a pergunta orientadora: “O Núcleo Musical do Peixotinho contribuiu para a emancipação humana e social de jovens moradores da periferia de Recife e Olinda?” e a partir dela formulo a hipótese de que o Peixotinho é capaz de gerar emancipação através da formação profissional musical, artística e humana dos sujeitos estudantes, e que essa formação é de caráter emancipatório. Utilizamos entrevistas semiestruturadas como instrumento para coleta de dados de gestores e educandos formados egressos objetivando responder a pergunta orientadora e discutimos a experiência do Núcleo Musical Irmã Scheilla do Projeto Peixotinho à luz de algumas teorias do campo da sociologia da educação. Concluo que o Núcleo Musical, a partir das vozes das entrevistas, possui o potencial emancipatório humano e social, partindo da educação musical mas ampliando para outras dimensões da vida.

**Palavras-chave:** Emancipação humana; emancipação social; Peixotinho; educação musical; sociologia da educação.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the processes of human and social emancipation made possible by the social, artistic and educational work developed by the Peixotinho musical project. The research is inserted in the current context of teaching and learning music in the non-governmental organization (NGO) for children and young people coming from communities neighboring the Project and in their majority from the popular classes of Recife and Olinda. I present the guiding question: "Has the Núcleo Musical of Peixotinho contributed to the human and social emancipation of young residents of the periphery of Recife and Olinda?" and from there I formulate the hypothesis that Peixotinho is capable of generating emancipation through professional musical, artistic, and human formation of the student subjects, and that this formation is of an emancipatory character. We used semi-structured interviews as an instrument to collect data from managers and graduated students in order to answer the guiding question and discuss the experience of the Núcleo Musical Irmã Scheilla of the Projeto Peixotinho in the light of some theories of the sociology of education. I conclude that the Núcleo Musical, from the voices of the interviews, possesses the human and social emancipatory potential, starting from musical education but expanding to other dimensions of life.

**Keywords:** Human emancipation; social emancipation; Peixotinho; music education; sociology of education.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEMO	Centro de Educação Musical de Olinda
CPM	Conservatório Pernambucano de Música
EAD	Ensino à Distância
ETECm	Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical
FSM	Fórum Social Mundial
NMIS	Núcleo Musical Irmã Sheilla
ONG	Organização Não Governamental
RPA	Região Político Administrativa
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>12</b>
<b>EMANCIPAÇÃO: UM CONCEITO HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS.....</b>	<b>12</b>
1.1. Emancipação enquanto esclarecimento.....	12
1.2. Emancipação como processo educativo.....	13
1.3. Emancipação como superação do sistema de opressão.....	17
1.4. Reinventar a emancipação social: uma tarefa sociológica para o século XXI.....	21
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>25</b>
<b>CONSOLIDAÇÕES DAS AÇÕES SOCIOEDUCACIONAIS DO PROJETO PEIXOTINHO.....</b>	<b>25</b>
2.1. Breve resgate da memória do Projeto Peixotinho.....	25
2.2. Núcleo Musical através do tempo e distanciamento social.....	28
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>32</b>
<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS E A EDUCAÇÃO MUSICAL NO PEIXOTINHO.....</b>	<b>32</b>
3.1. Os caminhos percorridos na pesquisa.....	32
3.2. Das partituras aos partilhados: uma experiência de emancipação coletiva.....	34
3.3. Disparado, a melhor experiência da vida: o aprendizado para a vida.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE A — Roteiro para entrevistas com pessoas que realizaram estudos musicais no Projeto Peixotinho.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE B — Lista nominal de pessoas entrevistadas.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é motivado por duas referências marcantes na minha vida nos últimos anos: o contato que tive com o Projeto Peixotinho, e mais intensamente, com o Núcleo Musical Irmã Scheilla (NMIS) por ele oferecido; e a realização do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, durante os anos de 2018 a 2021. Esta última experiência me motivou a aprofundar os estudos sobre a primeira, tendo como referência as abordagens sociológicas ali estudadas. Os resultados de pesquisa sistematizados nestas páginas são uma parte de diversas trocas e aprendizados que tive junto aos educadores, colegas de turma, gestão, maestro, e de fato, amigos, durante os anos de 2016 a 2021. Ainda que essa pesquisa seja relatada por mim, ela só foi possível devido a colaboração da gestão e dos estudantes egressos do Peixotinho. Portanto, o problema social que motivou o presente estudo é a existência de espaços e propostas educativas que usam de diversas estratégias para possibilitar a inclusão de crianças, adolescentes e jovens das camadas populares a serviços educacionais e culturais, que sejam capazes de construir perspectivas de vida digna, para pessoas que vivem em situações de extrema “vulnerabilidade social”, destacando a situação da exclusão cultural que motiva a ação do Projeto Peixotinho. Por outro lado, como problemática sociológica, queremos associar essas perspectivas de construção de alternativa para uma vida digna, com um conceito forte e consagrado na tradição da filosofia e da sociologia, que é o da emancipação humana e social. Diante desse problema social e dessa problemática sociológica, nos colocamos como pergunta de pesquisa: “O Núcleo Musical do Projeto Peixotinho contribuiu para a emancipação humana e social de jovens moradores da periferia de Recife e Olinda?”

Nossa hipótese de trabalho que norteia a busca de uma resposta para essa pergunta, é de que projetos musicais como o Peixotinho, organizações não governamentais (ONGs), são capazes de gerar a emancipação humana e social, extensamente fundamentada no primeiro capítulo, através da formação profissional musical e artística dos sujeitos que mantêm contato e estudam no NMIS do Projeto Peixotinho.

O objetivo principal do trabalho é analisar os processos de emancipação humana e social possibilitados pelo trabalho social, artístico e educacional desenvolvido pelo projeto musical Peixotinho. Enquanto seus objetivos específicos são: descrever a trajetória recente do Projeto Peixotinho e os desafios do ensino e aprendizagem de música remotamente devido ao distanciamento social e refletir como a experiência educativa no projeto Peixotinho tem impactado a vida dos adolescentes e jovens atendidos pelo projeto e discutir a experiência do Projeto Peixotinho à luz do conceito sociológico da emancipação humana e social.

Para isso, abordo importantes nomes vindos da sociologia da educação para compreender o sentido da educação emancipatória a partir da abordagem do conceito de emancipação humana na tradição dessa área da sociologia, tendo como referência os filósofos: Immanuel Kant, Theodor Adorno e do educador Paulo Freire. Bem como a recuperação desse conceito para a sociologia contemporânea, através das abordagens de Boaventura de Sousa Santos.

A investigação demonstrou que, partindo de Kant (2009), se estabelece o ideal da emancipação ou esclarecimento enquanto superação da menoridade através do uso público da razão. Enquanto Adorno (1995) determina a emancipação e a sua relevância para a educação em uma visão crítica da sociedade industrial. Por fim, Freire leva para a realidade da américa-latina o sentido da emancipação como humanização do oprimido e superação dos seus condicionamentos históricos de opressão e dominação. Conduzindo a um sentido coletivo e político da emancipação humana. Construindo a concepção de sujeitos esclarecidos para uma sociedade emancipada, referenciada também por Paulo Freire (2005), que, pensando mais estritamente para a educação latino-americana, edifica uma teoria pedagógica baseada nos valores humanistas, do ponto de vista da transformação social. A começar pela constatação de que o ser humano é incumbido de realizar sua auto construção histórica, Paulo Freire determinará que os menos favorecidos, os oprimidos, organizados em grupos, através da criticidade da realidade, são capazes de modificar sua realidades e existências, libertando-se da opressão sistemática. Já Boaventura de Sousa Santos (2005 e 2007), se coloca a tarefa sociológica de recuperar a teoria crítica, aquela tratada por Adorno, para reinventar a emancipação humana e social.

O NMIS é um grupo de trabalho do Projeto Peixotinho, o qual inicialmente levava reforço escolar para crianças e adolescentes de até 14 anos, e que evoluiu para diversos grupos de trabalho sociais devido à visão sobre a realidade violenta que aqueles adolescentes

estavam vivendo: drogas, armas e promiscuidade infantil. A gestão da instituição notou que após o horário do reforço escolar, oferecida pelo projeto, os jovens saíam desse local saudável e voltavam para um local mais hostil: o da comunidade. A capacidade de agência desses indivíduos, de se desenvolver e transformar sua realidade, não era visível. O Núcleo Musical Irmã Scheilla surgiu a partir da pergunta dos fundadores: “Como podemos preservar mais esses jovens e adolescentes?”. Nasceu a ideia de oferecer cursos de música. O Peixotinho é uma instituição que sobrevive de doações financeiras dos trabalhadores que frequentam a Fraternidade Francisco Peixoto Lins e de parcerias como Ministério Público do Trabalho, posteriormente mencionada.

Para tal fim, o trabalho contextualiza sociologicamente os processos supracitados, resgatando a memória do projeto e sua sustentabilidade (espaço, recursos, resultados); investiga a situação socioeconômica e cultural dos educandos egressos e aborda as particularidades das práticas e das compreensões do NMIS durante o período de distanciamento social em decorrência da pandemia de coronavírus.

Entendemos que este trabalho tem capacidade de proporcionar contribuições para fomentar as reflexões sobre organizações não governamentais tais quais o Projeto Peixotinho, além da estrutura, entre os sujeitos envolvidos com a educação musical e a cidadania. A pesquisa tem o potencial de contribuir com os entendimentos sobre os processos de educação emancipatória resultantes das contribuições de projetos como esta ONG no período de distanciamento social através da sistematização e compartilhamento de práticas, assim como a relação educando e educador do Núcleo Musical Irmã Scheilla sobre as atividades desenvolvidas durante este período.

No primeiro capítulo buscamos contextualizar a bibliografia discutindo sociologicamente os conceitos da emancipação humana e social a partir da fundamentação e reelaboração dessas categorias pelos autores Immanuel Kant, Theodor Adorno, Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos.

No segundo capítulo, contextualizamos o NMIS do Projeto Peixotinho desde seu surgimento até o período em que a pesquisa se desenvolve, durante o distanciamento social, através de documentação e registros escritos do próprio Projeto, de dados empíricos como estudante egresso, e de entrevista aberta e livre com a coordenação do Projeto. Destacando a dificuldade de obtenção de dados referentes às comunidades Beira Rio e Entra Apulso, como os índices de desenvolvimento humano relacionados a questões do desemprego, drogas e

violência por não possuírem dados em meio oficial ou acadêmico, as quais são citadas como fator inicial para a fundação do NMIS.

No terceiro capítulo discutimos as consequências concretas do Projeto Peixotinho para a vida dos adolescentes e jovens, tanto do ponto de vista do aprendizado da música e da utilização desse aprendizado em suas vidas cotidianas, quanto das perspectivas de emancipação humana e social possibilitadas pela participação no Projeto. Para tal, valorizamos fundamentalmente as falas dos adolescentes e jovens através de entrevistas individuais semi-estruturadas realizadas através de ferramentas virtuais, tendo sido ordenadas e tabuladas alguns aspectos dessas falas para possibilitar uma análise nossa através da utilização de conceitos tratados no primeiro capítulo. Neste capítulo insiro as vozes diretamente dos sujeitos entrevistados para fazer essa discussão. Não os identificando diretamente por se tratar de suas subjetividades e maneiras de sentir e ouvir, mas deixando como alusão nas citações os instrumentos que são trabalhados no Núcleo. As condições de realização da pesquisa precisaram ser adaptadas devido às medidas de distanciamento social para enfrentar a pandemia de coronavírus e o contato com a gestão e os alunos egressos foi feito de modo virtual.

Concluo que o potencial que o Núcleo Musical Irmã Scheilla do Projeto Peixotinho possui é o da emancipação, seja ela de caráter humano, social, profissional e/ou educacional. As vozes dos sujeitos que entrevistei corroboram minha hipótese de que o NMIS é capaz de gerar tal emancipação humana e social que foi fundamentada no primeiro capítulo, através da educação e formação musical, artística e humana dos sujeitos estudantes entrevistados.

## CAPÍTULO I

### *EMANCIPAÇÃO: UM CONCEITO HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS*

#### **1.1. Emancipação enquanto esclarecimento**

Nos discursos sobre educação, os termos emancipação humana ou educação emancipatória são bastantes frequentes. Para esclarecer bem essa categoria é necessário partir de uma fundamentação que vem da filosofia. Essa abordagem é relevante devido a necessidade de se resgatar uma concepção de educação exterior ao ensino que apenas convém ao mercado de trabalho, que perpetua o status quo em uma sociedade cada vez mais injusta socialmente e que reproduz as desigualdades e a opressão. É, portanto, indispensável renovar o sentido de uma educação emancipatória.

Desde o Iluminismo os princípios de uma sociedade emancipada e esclarecida estão presentes: o ideal de uma sociedade livre da ignorância e da crença. Esses ideais se encontram mais precisamente no artigo do filósofo alemão Immanuel Kant (2009) *Resposta a pergunta: que é Iluminismo?* Tanto na filosofia kantiana, tanto para toda a sociedade moderna, pós Revolução Francesa (1789), é presente esse ideal que defende a liberdade, a autossuficiência, enfim, a autonomia e emancipação do sujeito.

O sujeito com a reflexão e otimização do uso de sua racionalidade, pois, pode se sobrepor a menoridade e edificar o conhecimento científico, sem interferência de crenças ou preconceitos, para gerir e regular toda a realidade. Kant formulou o conceito de esclarecimento: “[...] é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado” (KANT, 2009 p. 09). A menoridade, “é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” (p. 09). A causa dessa menoridade “[...] não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem” (p. 09). Esse ideal de uma sociedade moderna, baseado no sujeito autônomo e na independência do Estado (garantida pelo contrato social entre os cidadãos), não foi capaz de atingir o conceito de emancipação na sua plenitude, podemos dizer que no máximo representou uma emancipação política. Embora não se possa negar a importância do esclarecimento para a mudança do controle dos indivíduos pela religião, constata-se que a

experiência do uso público da razão, possibilitadas pelo esclarecimento, contra as determinações metafísicas, centra tal racionalidade no indivíduo, sem encarar as possibilidades da força social coletiva.

Considerando essas limitações do conceito de esclarecimento, mas reconhecendo a necessidade de ampliar esse conceito para a análise da sociedade industrial, Theodor Adorno em parceria com Max Horkheimer (1947), através da formulação da *Dialética do Esclarecimento*, no esforço de superar uma concepção idealista e individualista do esclarecimento, conforme veremos a seguir.

## **1.2. Emancipação como processo educativo**

Theodor Adorno (1995), em sua Teoria Crítica, acha necessário retomar a problemática da emancipação formulada por Kant ao contexto educacional. A proposta da existência de sujeitos independentes e guiados pela sua racionalidade da concepção kantiana, para Adorno, permanece válida, pois assim se garante uma sociedade sob à luz da democracia. Ele pretende superar o projeto idealista e individualista de emancipação (como autonomia do indivíduo) e acrescer a sociedade como um todo, para edificar coletivamente um conhecimento científico que supere a fragmentação e a instrumentalidade científica, para logo, esclarecer as engrenagens de controle e alienação social.

Adorno é um filósofo da Escola de Frankfurt, que formula a Teoria Crítica como contraste à teoria tradicional. A Teoria Crítica é em si emancipatória: cria uma visão de uma sociedade racional e livre, que atenda as necessidades da coletividade, e é nesse sentido que ela é crítica. Ao contrário da ciência tradicional que: "... representa a fragmentação da ciência especializada e a coisificação da realidade através da separação sujeito-objeto." (AMBROSINI, 2012, p. 378-391). Enquanto que a Teoria Crítica objetiva, além de ampliar o saber, a emancipação do homem. Ela anuncia a neutralidade da ciência e a vincula a uma práxis social definida. Define a existência humana como contraditória, enquanto a razão instrumental potencializadora das deformidades sociais.

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, junto a Max Horkheimer, Adorno (1995) elabora uma crítica ao conceito de esclarecimento, demonstrando o seu lado instrumental e cruel. "A *Dialética do Esclarecimento* faz um mapeamento histórico, desde os mitos gregos até a filosofia e a ciência moderna, argumentando que o esclarecimento sempre esteve presente enquanto tentativa de dominação racional da realidade." (AMBROSINI, 2012, p.



378-391). Tornou-se desencantado o mundo regido pelo esclarecimento, pois a totalidade das coisas pode ser avaliada, repetida e vendida.

O ser humano, através da capacidade de representação da realidade, copia ou abstrai a realidade e transfere-a para imagens ou mitos, posteriormente os mitos tornam-se teorias e essas se transformam em técnicas que voltam à realidade, agora não para entendê-la, mas para dominá-la. O mito e a racionalidade são fragmentos de um mesmo processo: dominar a natureza pela razão. Isso significa medir e calcular, objetivar o real, para torná-lo repetitivo e previsível.

Nessa perspectiva, o esclarecimento seria o método científico moderno mais frio e calculista, no qual a natureza e o próprio ser humano tornam-se objetos de experimentos. Portanto, a ciência não reflete sobre si mesma já que o esclarecimento que fundamenta a verdade como resultado do método científico. A partir da justificativa filosófica, a verdade científica renega a própria filosofia que a gerou. A filosofia de Kant, por exemplo, tem na razão um viés utópico, no qual determina o conceito de uma comunidade universal que reside na liberdade, mas essa mesma razão é que justifica o método científico, que visa a realidade, inclusive o próprio ser humano, impossibilitando nesse sentido, o próprio ideal moral. Está aí o ponto contraditório do Iluminismo que é apontado por Adorno na *Dialética do Esclarecimento*, em outras palavras, concomitantemente em que a racionalidade preconiza uma sociedade emancipada, gera igualmente condições de dominação e que frustram a própria emancipação. Uma vez que o pensamento de Adorno é uma crítica a forma como foi realizada a proposta de esclarecimento iluminista, então é importante conferir em que proporção na educação se reflete essa distorção. De que modo, na questão educacional, a progressão do saber instrumental-fragmentado e a negligência da dimensão ética da modernidade.

Sendo importante destacar nas contribuições de Adorno (1995), a atenção para os níveis de controle social adquiridos na sociedade industrial, enfatizando o modo como a “indústria cultural” expressa a força de como as estruturas sociais dominam e controlam os indivíduos, tornando-os submissos e manipulados, impossibilitando-os a serem sujeitos de sua própria existência, dificultando enormemente, que o esclarecimento possibilite a autonomia humana: “nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações”. (ADORNO, 1995, p. 181).

Isso dado que, a Teoria Crítica, além de analisar os princípios da razão (em colapso) e revelar os instrumentos de controle da indústria cultural (cultura de massa), juntamente propõe o resgate da filosofia kantiana da educação para a emancipação.

“Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual. A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento.” (ADORNO, 1995, p. 169).

Essa novidade de compreender a relação do sujeito com a realidade, enquanto sujeito crítico que não se subjuga a cultura dominante, servirá de estímulo para um novo conceito de educação libertadora e popular, que irá identificar no indivíduo oprimido pela organização social heterônoma, o agente revolucionário dessa mesma sociedade, a partir da compreensão crítica da dominação que está submetido, reformulando sua forma de analisar (ler) a existência e o mundo.

Ainda em *Educação e Emancipação*, Adorno (1995) intervém a favor de uma educação justificada no uso da razão objetiva, na autonomia, na autolegislação. Se a razão pura no paradigma defendido no idealismo alemão, não pode ser defendida atualmente, é evidente que a concepção de um conceito preciso e independente é a sustentação para a formação de um homem emancipado. Não se refere a favorecer a razão no sentido ontológico, mas sim a ética no uso da razão.

A educação para a emancipação tem de ser primeiramente crítica. “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121). A revolta do indivíduo contra a civilização é conduzida pelo paradigma de um mundo marcado pela heteronomia em detrimento da autonomia. Tal revolta, para o autor, evidencia a barbárie que vivemos atualmente, simbolizando a apreensão do indivíduo dentro de uma “rede densamente interconectada” geradora da violência irracional.

“Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a

caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade.” (ADORNO, 1995, p. 155).

Entende-se como a sociedade da heteronomia “um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo” (ADORNO, 1995, p. 124). Para o autor, a composição do mundo é heterônoma e se transforma em ideologia dominante. “Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação” (ADORNO, 1995, p. 143). O autor parte do desafio de se efetivar uma educação para emancipação em uma realidade onde predomina a menoridade do indivíduo, e sendo consciente que a sociedade do esclarecimento científico não levou o ser humano para a emancipação, Adorno, logo insiste a urgência e pensar a educação de modo crítico e racional, abandonando a razão pura do iluminismo, mas destaca o dever essencial de uma racionalidade ética e comunitária. “Creio que filosoficamente é muito bem possível criticar o conceito de uma razão absoluta [...]”, porém “sem o pensamento, e um pensamento insistente e rigoroso, não seria possível determinar o que seria bom a ser feito, uma prática correta” (ADORNO, 1995, p. 174). Adorno, nesse intuito, retoma a concepção kantiana de esclarecimento, corroborando o seu sentido emancipatório, sem esquecer, concomitantemente, de expor sua condição desumana enquanto objetivação e hegemonia da realidade. O progresso da razão instrumental gerou uma sociedade que assujeita o indivíduo. A indústria cultural é a execução de como a organização social domina as pessoas, modificando-as em cativa a várias regras, sem que sujeito possa exercer-se condutor de sua própria vida, de maneira racional e emancipada.

Conforme Adorno (Idem), existem dois elementos que estão inseridos na ação educativa: adaptação e resistência. Preservar a individualidade dentro da sociedade, a partir da preparação individual em se orientar no mundo e concomitantemente não deixar que o mundo a desorienta, digo, para o autor, o elemento da resistência é muito mais importante, porque o sujeito já nasce de fato quase adaptado no mundo, que ideologicamente controla o sujeito individual, sem que a instituição escolar seja fundamental para a integração desse sujeito na sociedade, portanto os processos educacionais devem conduzir para defender-se às formas de assujeitamento. Para tal fim, a educação para e emancipação presume uma concepção de inteligência mais ampla do que o saber formal e científico. Ela depreende uma inteligência concreta que interpreta o pensar e a realidade num procedimento dialético. Nesse sentido, os processos educacionais devem instruir o ser humano para o conflito com a experiência real e

não para experiência alienada do mundo. O sujeito estaria alienado, principalmente pela técnica, e não saberia mais conduzir-se na realidade concreta, unicamente na realidade cultural e social que não é produzida por ele. Logo, Adorno defende uma noção de racionalidade e de consciência que não representam mas superam, aquela forma de entender da sociedade cientificamente fragmentada:

“Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo —a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação.” (ADORNO, 1995, p. 151).

Essa novidade de compreender a relação do sujeito com a realidade, enquanto sujeito crítico que não se subjugua a cultura dominante, servirá de estímulo para um novo conceito de educação libertadora e popular, que irá identificar no indivíduo oprimido pela organização social heterônoma, o agente revolucionário dessa mesma sociedade, a partir da compreensão crítica da dominação que está submetido, reformulando sua forma de analisar (ler) a existência e o mundo.

### **1.3. Emancipação como superação do sistema de opressão**

Como foi anteriormente abordado, Kant vê a concepção moral de emancipação, como escape do sujeito da menoridade através de sua autodeterminação guiada pela razão. Enquanto Adorno traz para a discussão da problemática da indústria cultural enquanto manipuladora do sujeito e obstrução de sua independência. Este paradigma moral-político-social da emancipação humana possibilita novas elaborações sobre o conceito. Destacamos aqui as contribuições de Paulo Freire, para o presente estudo, tratamos especialmente através de suas obras *Pedagogia do Oprimido* e *Conscientização*.

O ponto de partida das elaborações de Paulo Freire, é olhar para a realidade social e desvendá-la com uma contradição fundamental entre opressores e oprimidos, e a necessidade de superação dessa contradição para que a sociedade reencontre a sua vocação humanizante, superando à desumanização que se configura como uma distorção da história. Nesse sentido para recuperar sua vocação histórica pela humanização, se faz necessário superar a referida contradição, questionando um possível caminho:

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.” (FREIRE, 1987, p. 31).

Ou seja, essa descoberta e essa atitude não são naturais, não são espontâneas, não é “pelo acaso”. “De tanto ouvir que são incapazes, que não sabem, que são ignorantes, os oprimidos se sentem quase como uma coisa possuída por seu opressor, e passam a hospedar o opressor em si mesmo.” (FREIRE, 1987, p. 35). Então, para Freire, a superação da opressão deve se originar, portanto, nos oprimidos, que podem compreender como ninguém o significado e os efeitos da opressão e a urgência da libertação. Mas, para se libertarem, não basta que se reconheçam oprimidos ou em contradição com os opressores. É preciso que entendam a necessidade de lutar pela libertação e se entreguem à práxis libertadora, para essa descoberta se faz necessário o papel fundamental da educação, não como ensino, mas como diálogo. É no diálogo que os seres humanos se encontram e se reconhecem seres humanos. É no diálogo que conquistam o mundo e se libertam a si mesmos e uns aos outros. O diálogo verdadeiro não é a transferência de conceitos de um sujeito a outro, nem a troca vazia de ideias, tampouco uma discussão para se saber quem tem razão ou para um indivíduo conquistar o outro. (Idem). Nisso percebemos como a teoria da educação em Freire, é, ao mesmo tempo, uma teoria da emancipação, muitas vezes referenciada como educação libertadora.

Em *Pedagogia do Oprimido*, o autor faz uma construção teórica de uma emancipação humana, mas destaca que tal construção se efetiva realmente na prática. Freire fundamenta a teoria a partir de estratégias e métodos de superação do contraste existente entre opressores e oprimidos. A emancipação para Freire não é apenas uma proposta vinda da filosofia, para analisar e criticar aspectos sociais e manipuladores, mas essencialmente uma atividade educacional, que deve ser canalizada para a práxis pedagógica. A partir dessa proposta, a emancipação agora significa humanização. A emancipação humana essa que deve se opor a desumanização. Ambas, “[...] dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (FREIRE, 2005, p. 32). O ato de desumanizar é um acontecimento histórico, enquanto o ato

de humanizar é um ato inerentemente humano. O ser humano tem dentro de si a capacidade e a vontade de buscar sua excelência. Se o paradigma vigente não proporciona essa vontade inerentemente humana, ele não está conforme a natureza do ser humano, tomando-se, logo, inaceitável. A proposta da emancipação através da humanização, na qual há a preservação da autenticidade da essência humana, é papel histórico do sujeito e está posta num contexto social e objetivo concreto, compreendendo indivíduos e comunidades de verdade. Portanto, a pedagogia do oprimido se manifesta enquanto:

“[...] aquela que tem de ser forjada com ele [oprimido] e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.” (FREIRE, 2005, p. 34).

A pedagogia elaborada por Paulo Freire é uma teoria social, por se dedicar às relações entre os sujeitos no paradigma de opressão, injustiça e alienação. Se configura como uma teoria social, por reconhecer esses aspectos sistemáticos e estruturais da sociedade, nas instituições e na legislação. E, além disso, trata de ser oposição e luta, essas através da conscientização, isto é, usando o conhecimento para a superação de uma opressão. E por último, a pedagogia do oprimido é também uma crítica da educação bancária (tradicional) visando a superação dessa para uma educação libertadora e de intercomunicação, na qual os educandos, sujeitos autônomos, a partir de suas experiências de mundo, também são educadores e vice-versa, objetivando a libertação dos indivíduos. Assim uma nova compreensão do conhecimento, a aprendizagem e a escola. Paulo Freire parte do fato de que o ato de lecionar veio após o de aprender. “Foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. [...] “Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 2010, p. 23-24). Conforme se compreende a preferência no ato de aprender, sucede a partir disso a compreensão do próprio ensino “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2010, p. 22). Exatamente na alegação de que o sujeito do processo do conhecimento é, de fato, o educando, Freire, concomitantemente em que compõe sua crítica a educação tradicional bancária, também deduz que o educando na edificação de sua autonomia pode vencer as prisões impostas pelo assujeitamento vinda do bancarismo e edificar seu autêntico rumo

epistemológico. Na sua obra, o autor persiste no dever se pensar o certo, ou seja, não apenas analisar a partir da lógica, como a partir da visão ética. Esse modo de pensar propôs a crítica à educação que não considerava o elemento da formação do processo de pedagogia. É a articulação das razões pura e prática juntas. “[...] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2010, p. 23).

A educação é formadora quando o educador apenas informa os conteúdos está imediatamente formando. Está formando um sujeito (ou não-sujeito) que se deixa comandar por outros sujeitos, que em hierarquia diferente, mandam e o submetem a um mundo de comandos, esta é a crítica de Paulo Freire. Não existe, pois, neutralidade na educação. Essa impossibilidade da separação entre o dever-ser e o ser é uma característica destacada pelo autor nesse âmbito. A evolução do conhecimento anda de mãos dadas com a habilidade de estimar e escolher. A racionalidade e a liberdade são qualidades inerentes ao ser humano.

“Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado.” (FREIRE, 2010, p. 33).

O autor pensou na educação como formação dos sujeitos, desde a concepção do conhecimento bem como da ética, acarreta também na constatação da finitude do ser humano, na sua subordinação e na sua inconclusão. Com base no reconhecimento de que o ser humano está historicamente em construção, afere-se que ele é um projeto inconcluso, e seu inacabamento fortalece sua não aceitação com o determinismo histórico.

“Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o suporte em que os outros animais continuam, em mundo. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte.” (FREIRE, 2010, p. 50).

Embora a relação que há em Freire entre autonomia e libertação já ocorresse no iluminismo, o educador brasileiro propõe a libertação em relação às opressões da realidade

social injusta causada pelo sistema capitalista, já os iluministas propunham a libertação em relação às opressões causadas pela tradição, pela religião e pelo Antigo Regime Paulo Freire elabora uma pedagogia progressista que ampara na íntegra seja qual for a proposta popular de educação, a partir do momento que abarca a concepção de que o sujeito, partindo de sua liberdade e razão, pode alcançar uma consciência esclarecida; de que tal liberdade não pode ser usada apenas restritamente enquanto ganho do Estado para o ser humano; sabendo que a ordem social é heterônoma e oprime o ser humano guiando a sociedade à incivilidade; em suma, seguindo a partir dessa base vinda da filosofia que expõe as estruturas de dominação, tanto no âmbito social quanto no individual, e sugere vencê-las visando ser mais.

Recuperando a dimensão dialógica da educação, ou seja, o diálogo como condição indispensável para a educação libertadora, para a emancipação, do ponto de partida de que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”, (FREIRE, 1987, p. 43), portanto se ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, é o diálogo quem educa, a educação só é perceptível na prática política de libertação dos oprimidos e dos próprios opressores, para superação da realidade opressora.

#### **1.4. Reinventar a emancipação social: uma tarefa sociológica para o século XXI.**

Na atualidade, o astuto sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos (1999, 2005, 2007), situa o debate da emancipação no seu esforço de valorizar, mas também de “renovar” a tradição da teoria crítica, iniciada pela Escola de Frankfurt, valorizando sua fundamental contribuição para a superação do dualismo burguês entre teoria e prática, e, sobretudo, a ênfase na emancipação como um fundamental conceito para a análise do mundo social. Mas, consideramos a genialidade de Santos, o esforço de valorizar os acontecimentos e as relações que estão se constituindo na atualidade, para, a partir daí, repensar a contribuição da teoria crítica e a sua sempre necessária atualização.

Partindo, da consideração de que análise crítica do que existe, papel fundamental do cientista social, se assenta no pressuposto de que a existência não se esgota nas possibilidades do contexto, que, portanto, há alternativas susceptíveis de superar o que se critica no que existe, para Freire, “... o desconforto, o inconformismo ou a indignação perante o que existe suscitam impulso para teorizar a sua superação” (SANTOS, 1999, p. 197). Nesse sentido, o autor recupera a tradição dos grandes embates sociológicos do século XX, marcada pela força



das teorias funcionalistas por um lado, e das teorias críticas, por outro, tendo como centrais nos debates, justamente os conceitos de regulação (vinculado à primeira tradição), e o de emancipação (vinculado à segunda). Esse enfrentamento dá sinais de esgotamento no final do século XX, com Boaventura, entre outros, registrando a necessidade de reinventar a emancipação social, através do que ficou conhecido como “*Epistemologias do Sul*”.

“[...] a emancipação social como a aspiração a uma sociedade em que as diferentes relações de poder sejam substituídas por relações de autoridade partilhada. Esta é uma designação mais inclusiva, e mais centrada em processos do que em estágios finais de transformação social”. (SANTOS, 2005, p. 91).

A partir da considerada insuficiência analítica das duas referências sociológicas anteriormente citadas, que hegemonizaram o debate sociológico no século XX, mas sem desconhecer sua importância, Santos (2007) enumera um conjunto de desafios que as ciências sociais contemporâneas necessitam enfrentar, para, a partir desses desafios elucidar algumas indicações de superação:

“[...] necessitamos construir a emancipação a partir de uma nova relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença. Na modernidade ocidental, seja nas teorias funcionalistas conservadoras seja nas teorias críticas, até agora não tratamos isso de maneira adequada, porque - sobretudo na teoria crítica - toda a energia emancipatória teórica foi orientada pelo princípio da igualdade, não pelo princípio do reconhecimento das diferenças. Agora temos de tentar uma construção teórica em que as duas estejam presentes, e saber que uma luta pela igualdade tem de ser também uma luta pelo reconhecimento da diferença, porque o importante não é a homogeneização mas as diferenças iguais.” (SANTOS, 2007, p. 62-63).

Ao destacar a necessidade de aprofundar as experiências sociais contemporâneas, realmente existentes, na busca de reconstrução da emancipação social, Santos (2005, 2007) demonstra todo seu entusiasmo com a realização do Fórum Social Mundial (FSM), para ele, “[...] uma utopia radicalmente democrática é a única utopia realista depois de um século de utopias conservadoras, algumas delas resultados de utopias críticas pervertidas”. (SANTOS, 2007, p. 17). Tal expressão de uma experiência radicalmente democrática, anima e estimula a pesquisa e a elaboração de novas perspectivas analíticas, uma vez que, na dinâmica de funcionamento do Fórum, as relações são pautadas em função de “... maximizar o que une e a

minimizar o que divide, a celebrar o intercâmbio em vez da disputa pelo poder, a ser uma presença forte em vez de ter simplesmente uma agenda. (Ibidem).

Santos localiza no FSM uma “sociologia das emergências”, que busca identificar e ampliar os sinais de possíveis experiências futuras, sinais inscritos em tendências e latências que são ignoradas pela racionalidade e pelo saber hegemônicos. A sociologia das emergências opera uma ampliação simbólica, em que identifica sinais, pistas ou traços de possibilidades futuras em tudo o que existe. A noção de pista compreendida como o anúncio de algo que está para vir e que já há um caminho, é essencial para as práticas humanas e sociais. (SANTOS, 2005, p. 30-34).

Trata-se, segundo esse autor, de novas relações sociais, constituídas a partir dos movimentos sociais, que tornam possíveis enfrentar os grandes desafios teóricos das ciências sociais no século XXI:

“[...] O terceiro avanço teórico que o FSM nos permite ver - o primeiro é um conceito mais amplo de opressão, o segundo é essa nova relação entre o princípio de igualdade e o do reconhecimento da diferença - é toda a relação entre inconformismo, rebeldia, revolução e transformação social. E aqui há um aspecto importante, a relação entre ação direta e ação institucional, entre as ações ilegais pacíficas e as ações institucionais. Entre a legalidade e a ilegalidade temos de reconstruir uma dialética, porque as classes dominantes sempre a tiveram: impõem a legalidade mas nunca a cumpriram, sua hegemonia se baseia em uma dialética às vezes nada sutil entre legalidade e ilegalidade, entre legalidade e impunidade, entre legalidade e imunidade. Creio que se queremos pensar a emancipação social temos de entrar nisso.” (SANTOS, 2007, p. 65)

Santos credits ao FSM, um caminho revelador das possibilidades de reinvenção da emancipação social, que articula o relacional com o estrutural, desvendando a globalização neoliberal, as formas de exploração estão articuladas a outras formas de opressão, que afetam mulheres, indígenas, camponeses, idosos, imigrantes, deixando-os sem perspectivas de um futuro digno. Outra novidade seria a equivalência entre os princípios da igualdade e do reconhecimento da diferença, uma vez que vivemos em sociedades que são escandalosamente desigual. Contudo, não basta a luta pela igualdade como princípio mobilizador de um projeto emancipatório, uma vez que a igualdade, entendida como equivalência, acaba por excluir o que é diferente e a história tem apresentado várias demonstrações desta exclusão. Isto não significa diminuir a importância da luta pela igualdade, apenas relacioná-la com a valorização da diferença. Destaca-se também no autor, uma nova noção de internacionalismo construída na experiência política do FSM:

O internacionalismo promovido pelo FSM representa um afastamento drástico da velha forma de internacionalismo que dominou a política anticapitalista ao longo do século XX. Essa forma baseava-se em quatro premissas principais: um ator principal privilegiado (operários ou operários e camponeses); um tipo privilegiado de organização (sindicatos e partidos operários conjuntamente com suas federações e Internacionais); uma estratégia definida a partir do centro (as resoluções das Internacionais); uma política originada no Norte e formulada de acordo com os princípios políticos prevalentes no Norte anticapitalista.” (SANTOS, 2005, p. 38).

“Já o internacionalismo visado pelo FSM celebra a diversidade social, cultural, política dentro de limites amplos definidos pela carta de princípios. Abrange um grande leque de diferentes organizações, sendo concebido como um incubador de novas redes geradas por iniciativa dos que nelas participam. Defende que organizações e grupos podem desenvolver ações articuladas, criar laços de solidariedade sem necessariamente serem idênticos ou homogêneos, considera que as diferenças culturais e políticas podem ser capacitantes e não paralisantes, como fontes de criatividade e inovação política. O fato de ter iniciado no Sul, na América Latina e no Brasil, em que uma longa trajetória de décadas de trabalho de educação popular, suscitou vários movimentos de base, promovendo uma cultura política híbrida que relaciona estes movimentos, com experiências de democracia participativa, da teologia da libertação, das lutas contra a ditadura, bem como uma política de esquerda (velha e nova) de tradição ocidental.” (SANTOS, 2005, p. 39).

Percebemos, portanto, que existe um caminho aberto no debate sociológico contemporâneo que valoriza as experiências sociais concretas, os espaços onde as pessoas se juntam, constroem seus vínculos de ação e pertencimento, resistências e reivindicações, mobilizações e organizações, sinais de realização da emancipação humana e social. A emancipação se dá por meio do pressuposto de que processos sociais, políticos e de produção de conhecimentos contra-hegemônicos possibilitam a substituição das relações sociais regulatórias por relações de caráter emancipatório. Ou seja, movimentos promovidos por diferentes sujeitos em distintos espaços, possibilitam a construção de sujeitos mais amplos, como as redes de movimentos sociais, e o FSM como uma “rede de redes” em direção a uma sociedade mais justa e democrática por enfrentar o importante dilema contemporâneo da igualdade e da diferença, expresso na emblemática frase: “Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 2010, p. 462)

## CAPÍTULO II

### *CONSOLIDAÇÕES DAS AÇÕES SOCIOEDUCACIONAIS DO PROJETO PEIXOTINHO*

#### **2.1. Breve resgate da memória do Projeto Peixotinho**

No capítulo anterior, discutimos os fenômenos da emancipação social em abordagens filosóficas e sociológicas. Neste momento, faremos análise sobre o projeto Peixotinho buscando revelá-lo desde sua origem até o seu funcionamento nos dias atuais no contexto da pandemia, e colocando as vozes dos estudantes que passaram pelo Núcleo Musical Irmã Scheilla, trazendo para o trabalho a riqueza de suas subjetividades a partir da análise das entrevistas.

Acolhimento e união são adjetivos que podemos atribuir para um lar, e se somados com melodias sendo tocadas por diferentes instrumentos, conseguimos retratar o projeto. Esse Projeto nasceu a partir da possibilidade de se constituir uma parceria entre a Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins e o Ministério Público do Trabalho voltada à obtenção de apoio financeiro para fomentar as atividades realizadas junto a diferentes segmentos populares: crianças, adolescentes, mulheres e idosos - pertencentes às comunidades de baixa renda do entorno do Projeto. Os trabalhos sociais que desenvolve, denominados Ações Solidárias, resultam da compreensão de que a missão institucional visa à promoção dos indivíduos dessas classes populares. “Estes trabalhos são desenvolvidos segundo a relação convivência e cidadania, particularmente no que se refere à atenção a crianças, adolescentes e aos seus familiares, incentivando-os à frequência escolar, aos cuidados com a saúde, ao desenvolvimento da autoestima, à convivência comunitária, ao trabalho e à busca pela espiritualidade, mas evitando o proselitismo religioso.” (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2012, p. 01-09.)

Seguindo essa perspectiva de trabalhos sociais, o projeto Peixotinho desenvolveu em sua origem: atividades educacionais junto a crianças e adolescentes; iniciação musical; programa de apoio alimentar, atendimento à gestante; cursos profissionalizantes e atividades artesanais. As atividades educacionais foram destinadas à formação de crianças, adolescentes e jovens que se apoiaram em três grandes eixos da Fraternidade Francisco Peixoto Lins: o

Núcleo de Evangelização Aracy, o Reforço Escolar e a Mocidade Espírita Eurípedes Barsanulfo, que atuaram integrados ao Núcleo de Teatro e Dança Anália Franco e logo, no NMIS, na crença de que a arte, especialmente a música e o teatro, podem fortalecer a cidadania. A iniciação musical, pois, foi uma atividade destinada à formação musical de crianças e adolescentes pelo Projeto Peixotinho, realizando cursos de violão, violino, teclado e flauta doce, consistindo no ensino e prática de teoria musical. A escolha de tal trabalho social partiu do princípio de que fazer arte é também dar significado à vida, dado que o pensamento de criação favorece a integração entre as dimensões do sujeito que aprende.

Além disso, através dos mundos e das realidades criadas da expressão musical, o aluno tem potencial de transcender a sua realidade atual, que se apresenta ideologizada, sem perspectiva para ultrapassar o status quo, veiculando conteúdos de acomodação social, consumismo, coisificação das consciências, alienação do valor humano, e violência simbólica:

“A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer.” (BOURDIEU, 1996, p. 16).

O Projeto desde sua criação objetivou desenvolver nas crianças e jovens a crença na emancipação e de que podem criar mais, dando sua contribuição como sujeitos no mundo. E após alcançado esse objetivo do despertar de seres musicais, o projeto visou criar alternativas de profissionalização desses jovens na área da música, inclusive incentivando a formação de grupos instrumentais (quartetos, duos etc) e corais prontos para atividades laborais que os introduziram ao mercado de trabalho.

O que tornou viável a realização dos trabalhos sociais foi o empenho dos incentivadores do Projeto Peixotinho, a partir de doações individuais de trabalhadores: médicos, psicólogos, advogados, engenheiros, arquitetos e empresários que contribuíram para as obras estruturais, na condição de parceiros voluntários da Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins. Ou seja, a instituição até então, possuía como fonte de recursos financeiros as mensalidades de associados, a venda de livros, bazares, a Campanha da Solidariedade e doações específicas por núcleo de atuação. Ou seja, a Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins, antes da criação do Projeto, não manteve convênio financeiro com outras instituições

oficiais. Os pilares que têm viabilizado a sustentabilidade dessa obra, além dos apoios citados, encontram-se no campo da solidariedade e do compromisso social.

Ainda em sua origem, o Projeto Peixotinho se concretiza a partir da parceria entre a Fraternidade e o Ministério Público do Trabalho, consolidando os trabalhos sociais que já são feitos anteriormente junto a duzentas crianças, cinquenta mulheres e um número significativo de idosos, moradores da comunidades: Entra Apulso e Beira Rio. Considerando que as Ações Solidárias da Fraternidade tiveram como foco preferencialmente as crianças e adolescentes e, extensivamente, seus pais e responsáveis, resultando dessa convivência o conhecimento da problemática social que os envolve. Foram crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 17 anos, e jovens de 18 a 25 anos, que apresentam particularidades que os distinguem de outros grupos. Essas particularidades se referem mais a diferentes formas de ver o mundo, de reagir e de expressar sentimentos do que a uma essência ou natureza pessoal diversa em relação aos adolescentes de outra classe social. Esse “modo particular” de estar no mundo possui estrita relação ao contexto social em que estão inseridos.

Essas crianças e adolescentes vivem em duas comunidades de múltiplas carências situadas no Recife, capital de Pernambuco, na Região Político Administrativa 6 (RPA6), Microrregião 6.1 e abrangem parte do bairro de Boa Viagem, delimitada pelas Avenidas Domingos Ferreira, Barão de Souza Leão e o grande manguezal do Pina. Tais áreas conformam territórios de baixa qualidade de vida encravados num bairro de alto índice de desenvolvimento humano, com espigões, shoppings centers, colégios, comércio e serviços.

Nessas áreas, verifica-se a acumulação de desigualdades sociais. São aglomerados urbanos formados por segmentos sociais que vivem o processo de vulnerabilidade social decorrente da precarização do emprego, do desemprego, e da perda de renda do trabalho, processo ao qual se somam os efeitos do empobrecimento social, resultantes da desestruturação do universo familiar, do isolamento social, da estigmatização e da desertificação dos direitos civis. Nesses aglomerados é que se verificam as maiores taxas de repetência e evasão escolar, de mães jovens solteiras e de jovens que não estudam e não trabalham. Esse é o cenário das comunidades trabalhadas pelo projeto Peixotinho. A questão das crianças e adolescentes pobres do Recife, é um fenômeno complexo e multifacetário, que não se atém apenas a questão de renda, mas também de acesso à educação, habitação, saúde, nutrição, dentre outras necessidades. A vida nessas comunidades é marcada pela escassez de bens e serviços, e a convivência com a violência cruel. A violência é aqui apontada como

um dos maiores problemas que envolvem o dia a dia das crianças e jovens que vivem nessas comunidades. A vivência cotidiana com ferimentos, tiroteios e ameaças interfere na sua formação e em suas atividades na família, na escola e na comunidade.

“A frágil expectativa de ascensão social aliada à promessa de retorno financeiro fácil e a visão de elevação do status social, dadas por certos grupos ligados a atividades ilegais, sobretudo o tráfico de drogas, direcionam essas crianças para uma “escolha” que reproduz e incrementa a violência.” (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2012, p. 01-09)

Tão forte quanto a violência é o problema das drogas nessas comunidades, o que as marcam como pobres e carentes. As drogas estão presentes na vida desses adolescentes que vivem um período marcado por mudanças e curiosidades sobre um mundo além do ambiente familiar e elas são capazes de exercer um forte atrativo.

A Fraternidade Espírita Francisco Peixoto Lins se mobilizou e tratou como problemas prioritários a violência, as drogas e o abuso de substâncias psicoativas pelos jovens da comunidade. Visaram compreender o universo psicossocial no qual estão implicadas essas crianças e adolescentes para encontrar ressonância na suas histórias de vida. A Fraternidade defende que educar para a cidadania significa assumir a ordem social como algo a ser construído, tecido por todos e que

“O desafio foi envolver a população jovem no processo de educação compreendida como o conjunto de informações e procedimentos do viver em sociedade.” (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2012, p. 01-09)

A cultura nesse contexto une a experimentação do fazer artístico com o desenvolvimento da expressão da interpretação do fazer cotidiano. O caminho traçado e percorrido historicamente pela arte e cultura se mostrou uma estratégia potencial e eficiente na reconstrução da auto imagem do jovem cidadão que inicia a vida social e profissional. A cultura intervém positivamente no desejo de mudanças para atitudes que visem à construção da representação do eu que se relaciona com a sociedade.

## **2.2. Núcleo musical através do tempo e distanciamento social**

A estrutura da instituição passou por diversas modificações estruturais conforme o tempo passou, estudantes entraram e se formaram, alguns continuam lá, e eles nunca

esquecerão da experiência musical e de vida que passaram ou passarão no projeto. O Núcleo também é um mercado de trabalho para novos professores de música licenciados ou não, assim como para estagiários. O NMIS acolheu e acolhe, hoje, além das comunidades locais, Entra Apulso e Beira Rio, crianças, jovens, adultos e idosos que se interessem pelo curso e se comprometam a cuidar de seus instrumentos cedidos pelo Peixotinho para estudo. Assim como o cumprimento dos horários e a participação de seu grupo de apresentação, podendo ser Orquestra A ou B, Grupo de Violões, Quintetos, Quartetos, Duos. Ao longo de todo semestre há apresentações em grupo e audições que exigem preparo físico e psicológico dos estudantes e dos professores.

Aceitar o compromisso de se levantar cedo todos os sábados pela manhã pode ser uma tarefa complicada, mas quando se é para estudar música fica mais fácil. O NMIS é composto por salas com seus diferentes instrumentos. São diferentes sons tocados por jovens, melodias em processo de maturação. Assim como os sujeitos que as tocam. Estudar música e praticar um instrumento todos os dias a fim de se aperfeiçoar individualmente é uma tarefa árdua. São processos que afetam o corpo e requerem processos de adaptação físicos e psicológicos. As partituras são novos símbolos a serem introduzidos, semelhantes a um novo idioma. Há várias filosofias de ensino e pedagogia musical: diversas abordagens ao se ensinar e aprender música, que devem ser moldadas conforme as facilidades e dificuldades dos sujeitos que estão aprendendo esses novos símbolos. Todos os educandos são tratados como sujeitos com suas diferentes subjetividades, que são trabalhadas no Núcleo Musical, desde a teoria musical, até a musicalização dos sujeitos, são registros de observações do pesquisador no local do Projeto, e que caracterizam fortemente o Peixotinho.

O NMIS, desde os anos anteriores até o presente momento, no qual essa pesquisa se sucede, vive de doações financeiras de trabalhadores e instituições privadas, lentamente usadas para investir em novos instrumentos, tais como: violões, violoncelos, violinos, violas de arco, flautas, teclados e um piano, assim como pagar aos professores e garantir alimentação para os estudantes durante os intervalos. Sujeitos cada qual com suas experiências de vidas que nunca tinham visto instrumentos ou sequer imaginavam tocar algum, hoje tocam e se completam fazendo arte para o mundo. Também se preocupa com acessibilidade física em sua estrutura para idosos e cadeirantes, tendo elevadores específicos para quem possui dificuldade de locomoção e subir escadas, além de nas apresentações possuir profissionais formados em libras para comunicação de pessoas com dificuldade auditiva. O NMIS possui um convênio



com o curso de Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), uma instituição de ensino superior federal, que até o presente momento permite a atuação de estudantes de graduação no Núcleo, sendo considerados estágios remunerados. Chegou-se ao ponto de haver 120 alunos dentro do núcleo musical, todos colaborando, e coexistindo nas suas diferentes fases, perspectivas de mundo e idades com o intuito de fazer e viver música.

O músico e a música instrumental são categorias bastante desvalorizadas em muitos aspectos no estado Pernambuco, algo que se efetiva na escassez de concursos e elitização de lugares para profissionalização nessa área; nenhum ou quase nenhum incentivo da área em ambientes formais, como nas escolas, em contradição à forte cultura musical que os Pernambucanos carregam em suas raízes, fonte de riqueza cultural e musical, a exemplo da música armorial. O NMIS se preocupou desde seu início em explorar esse potencial latente que os sujeitos das comunidades Beira Rio e Entra Apulso, assim como dos demais alunos de Recife e Olinda, em serem autônomos de suas próprias realidades usando música como instrumento para se emanciparem social, profissional e humanamente.

O Núcleo Musical Irmã Scheilla, ao longo dos anos, também ofereceu suporte psicológico profissional. A maioria dos estudantes estava passando por processos de mudanças físico-psicológicas, profissionais, pressão da família para a entrada rápida no mercado de trabalho, logo, tal suporte foi de extrema importância para a saúde dos estudantes e profissionais que o procuraram. Tal apoio, entre as aulas, se deu tanto em atividades de grupo por meio de conversas e desabafos sobre temas propostos (amizade, amores, solidão, trabalho, vida etc), como individuais. Com o passar do anos, o núcleo musical foi crescendo em infraestrutura, quantidade de alunos e apresentações beneficentes. As doações financeiras também mudaram e o núcleo cresceu e conforme o tempo passou recebeu atenção e suporte de diversas instituições estaduais e estrangeiras.

No primeiro semestre de 2020 a pandemia do COVID-19 chegou ao Brasil, o vírus afetou diversos aspectos da vida social, e diversos setores que não são essenciais ficaram fechados ou com funcionamento mínimo, e por meses muitas atividades presenciais inexisteram. O Núcleo Musical do Peixotinho teve que se adaptar, assim como o resto do mundo, às regras e desafios do distanciamento social. O ensino e aprendizagem da música teve que se adaptar ao ensino remoto. As audições e formaturas se efetivaram seguindo os protocolos, ou seja, de forma *on-line*.

O Núcleo Musical não parou na pandemia e os processos musicais de ensino e

aprendizagem atenderam as medidas contra o COVID-19, de distanciamento social, sendo as aulas de teoria e instrumento realizadas pelas plataformas do *Google Meet* e a comunicação pelos grupos em redes sociais.

O Peixotinho promoveu *lives* beneficentes no YouTube e em redes sociais para arrecadar fundos para o prosseguimento do Projeto e manutenção das aulas. O Núcleo Musical manteve o ritmo mesmo durante o distanciamento social, no qual o rendimento dos alunos foi afetado devido a diversos fatores individuais: como exclusão digital, ansiedade relacionadas às notícias da pandemia, pressão de mercado de pais quanto a mercado de trabalho, adaptação lenta ao ensino remoto são exemplos das dificuldades enfrentadas por muitos alunos e que foram, aos poucos, contornadas com o relaxamento das medidas e o avanço da vacinação ao longo do ano de 2021.

## CAPÍTULO III

### *CAMINHOS METODOLÓGICOS E A EDUCAÇÃO MUSICAL NO PEIXOTINHO*

#### **3.1. Os caminhos percorridos na pesquisa**

Para responder a pergunta da pesquisa qualitativa, formulada anteriormente “O Núcleo Musical do Projeto Peixotinho contribuiu para a emancipação humana e social de jovens moradores da periferia de Recife e Olinda?”, assumimos uma abordagem baseada nas metodologias qualitativas da pesquisa social, e como técnicas de coleta de dados, as entrevistas semiestruturadas individuais, que foram realizadas virtualmente, devido ao contexto pandêmico atual, com os integrantes da gestão do Projeto e alunos egressos. Essa proposta metodológica tem bastante divulgação nos meios acadêmicos das ciências sociais. Conforme Maria Cecília Minayo, toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais.

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22)

E quanto à técnica de coleta de dados, conforme anunciado acima, assumimos as entrevistas, provavelmente um método de pesquisa dos mais utilizados nas monografias do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE nos últimos anos, justamente por valorizar a voz, a fala, as informações dos segmentos sociais que se quer pesquisar. Para tal, há uma exigência profunda de como “fazer a pergunta certa” (GOLDENBERG, 2004), de se refletir o que se quer com essa informação, e como adquiri-la. Mesmo sabendo que há uma grande diversidade de técnicas de entrevistas (estruturada, semiestruturada, aberta, narrativa, individuais, grupais...), optamos pela entrevista semiestruturada individual, porque consideramos uma técnica importante para o estudo que pretendemos, e sobretudo, por conta desse contexto de pandemia e de distanciamento social, pudemos realizar as entrevistas

através das mídias digitais. Decidimos deixar as vozes dos estudantes entrevistados diretamente no trabalho, e para guardar suas identidades, por se tratar de subjetividade, sonhos e crítica decidimos substituir seus nomes por um instrumentos musicais ensinados no Núcleo Musical Irmã Sheilla.

A partir do contato e das entrevistas com os estudantes do projeto apresento diversas experiências e histórias de vida de sujeitos que possuem suas próprias visões sobre o Núcleo Musical Irmã Sheilla, e objetivos de vida, sejam eles dentro da música ou não. Compreendo os estudantes do núcleo como um grupo diverso com suas próprias versões de mundo e subjetividade e que essas se moldaram a partir do seu longo contato com o Núcleo Musical, desde adolescentes e jovens, alunos de ensino fundamental, médio, graduação, em instituições públicas; até adultos e idosos. Os alunos participantes da pesquisa definem a educação musical que tiveram no projeto como importante e como alicerce para os sujeitos, estudantes e profissionais que são atualmente. Esse processo de emancipação está no conjunto dos processos educacionais que os estudantes passam ao longo de anos na instituição, desde quando é necessário que eles toquem sua primeira nota, ainda que desafinada, até que façam com que o seu instrumento musical seja expressão de sua vida e das suas subjetividades. Os estudantes de música precisam aprender a entender o andamento da música e do maestro, assim como a escutar quem está tocando e respeitar os silêncios ou pausas. Ou seja, processos de se expressar e ouvir o outro se expressar, além de poder se expressar em conjunto, são práticas comuns no ensino da música no Peixotinho. Inicialmente, em todo instrumento, há o ensino de técnicas básicas e de músicas simples, mas esclarecendo nesse trabalho, que o objetivo principal do professor é que aquele jovem músico seja independente musicalmente, para afinar seu instrumento, para buscar músicas e se expressar melhor artisticamente, para saber ouvir a vez do outro colega de se expressar, sem esquecer da disciplina de estudar o que seu professor exige e que seja estudado durante a semana. A partir de toda essa contextualização e da análise das entrevistas de estudantes egressos que tiveram contato durante anos no NMIS é possível fazer diversas considerações acerca das temáticas trabalhadas.

Para não expor as pessoas que deram entrevistas para a presente pesquisa, inclusive porque foi afirmado que os nomes não seriam revelados, para que ficassem mais livres para expressar toda e qualquer opinião sobre o Projeto, para cada nome de pessoa entrevistada, estamos associando um nome de instrumento musical, não necessariamente o instrumento que

a pessoa estudou no projeto musical.

### 3.2. Das partituras aos partilhados: uma experiência de emancipação coletiva.

Quando despertaram para se inscreverem nos estudos de música no Núcleo Musical Irmã Scheilla, os adolescentes e jovens ali presentes não imaginavam que não iriam apenas aprender as partituras, aprender a tocar um instrumento musical, mas que aquela opção iria mexer profundamente com diversos aspectos da sua vida, no rumo da vivência de relações sociais mais saudáveis, humanistas, solidárias, conforme tratados a seguir nas falas dos próprios entrevistados para a presente pesquisa.

TABULAÇÃO PARA ANALISAR A QUESTÃO N° 03:

Como os estudos musicais no Peixotinho influenciaram a sua vida pessoal e profissional?

Anote 3 para influência muito forte;

Anote 2 para influência regular;

Anote 1 para pouca influência;

Anote 0 para nenhuma influência.

O estudo de música no Projeto Peixotinho e a capacidade para influenciar na sua vida pessoal e profissional.	Pontuação alcançada	Pontuação Máxima Possível (3 X nº de pessoas que responderam )
Apreendeu bem um ou mais instrumentos musicais, que usa nas festas, rodas de amigos, encontros familiares.	22	30
Apreendeu bem e vive profissionalmente da música.	6	30
Despertou interesse para melhorar as condições de vida e profissionalização em outras áreas do conhecimento.	24	30
Criou vínculos de amizade e desenvolveu os valores da cooperação e solidariedade.	30	30
Fortaleceu vivências, princípios e fidelidade religiosa.	14	30

Possibilitou a superação de uma consciência ingênua e manipulada.	13	30
Aumentou o comprometimento com o respeito mútuo com todas as pessoas independente de religiosidade, raça/etnia, orientação sexual, a defesa dos direitos humanos e as liberdades individuais	29	30
Possibilitou maior compromisso político com a busca de uma sociedade humanista, inclusiva e democrática.	18	30

(Fonte: Autoria própria)

Note-se que as questões mais valorizadas pelos estudantes de música no Projeto Peixotinho são justamente aquelas referentes à vivência coletiva dos valores humanistas, e as práticas de solidariedade, do respeito com as diferenças. A quase totalidade dos respondentes da entrevista afirma que a participação no Projeto contribuiu com influência muito forte, “aumentou o comprometimento com o respeito mútuo com todas as pessoas independente de religiosidade, raça/etnia, orientação sexual, a defesa dos direitos humanos e as liberdades individuais”. Enquanto que, a totalidade dos respondentes da entrevista afirma que essa contribuição muito forte foi em torno da “criou vínculos de amizade e desenvolveu os valores da cooperação e solidariedade”.

Note-se que, justamente as duas questões mais valorizadas pelos estudantes, não estão diretamente relacionadas ao estudo da música em si, mas aos estilos de vida, às relações interpessoais, aos valores e práticas coletivas. O que reforça a firme convicção de que o Núcleo Musical Irmã Scheilla, mais do que um centro de estudos musicais, é um espaço de convivência e pertencimento, pautado por relações humanistas e fraternais, democráticas e solidárias, que contribuem para que os diversos adolescentes e jovens que passem por essa experiência e levem consigo esses valores para a vida toda, na fala de uma das respondentes da entrevista “... Minha vida atualmente é totalmente diferente desse mundo artístico musical, mas eu tenho essa experiência memorável que o Peixotinho me proporcionou e que tenho tanta saudade”.

Já o segundo bloco de questões mais valorizadas pelos estudantes que responderam às entrevistas, diz respeito à relação entre os estudos de música e as outras dimensões da vida, principalmente a profissional. Nesse sentido, a segunda questão mais valorizada como as influências e contribuições do Projeto Peixotinho para sua vida, encontramos "despertou interesse para melhorar as condições de vida e profissionalização em outras áreas do

conhecimento”. Essa constatação reforça as observações anteriores informando de que mais do que uma escola musical, o Projeto Peixotinho é uma escola de vida, uma vez que, oitenta por cento (80%) dos estudantes ou egressos que responderam a entrevista afirmam que essa experiência contribuiu justamente para essa busca por vida melhor através da profissionalização, mesmo que em outras áreas profissionais. Em seguida das questões mais valorizadas pelos respondentes da entrevista constatamos, “Aprendeu bem um ou mais instrumentos musicais, que usa nas festas, rodas de amigos, encontros familiares”. De novo, uma utilidade coletiva do aprendizado da música.

Para o debate sociológico sobre a emancipação a partir de experiências sociais concretas, como a do projeto Peixotinho, que estamos refletindo, podemos recuperar as afirmações do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007):

“... necessitamos construir a emancipação a partir de uma nova relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença. (...) Agora temos de tentar uma construção teórica em que as duas estejam presentes, e saber que uma luta pela igualdade tem de ser também uma luta pelo reconhecimento da diferença, porque o importante não é a homogeneização mas as diferenças iguais”. (SANTOS, 2007, p. 62-63).

### **3.3. Disparado, a melhor experiência da vida: o aprendizado para a vida**

Nota-se que, apenas vinte por cento (20%) dos respondentes das entrevistas afirmam que a grande contribuição de sua participação no Projeto Peixotinho foi justamente sua profissionalização através da música, registrando que “Aprendeu bem e vive profissionalmente da música”. Não quer dizer que os demais não aprenderam bem a música, mas que esse aprendizado não se transformou em profissionalização. Esse dado se deve ao fato de que o Projeto Peixotinho trata principalmente da iniciação musical, conforme veremos a seguir:

Os estudantes sentem falta de um "próximo nível" de ensino dentro da instituição, sendo que eles tem que deixar a instituição após terem alcançado um certo nível musical, já que a estrutura do Peixotinho consegue ensinar até certo ponto, atualmente, até o nível preparatório, no qual já é possível repassar conhecimento musical para outros iniciantes, sendo esse um mercado de trabalho, além de poder fazer concursos musicais, a exemplo: em Recife tem o Conservatório Pernambucano de Música (CPM) e a Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical (ETECm) e em Olinda, o Centro de Educação Musical de Olinda

(CEMO) que são referências para quem quer se profissionalizar em música como instrumentista ou até mesmo ensinar música em instituições que não exigem a licenciatura. Ou seja, o Peixotinho também capacitou e permanece capacitando os estudantes a serem capazes de prestar concursos de música presentes em Pernambuco a nível básico e intermediário. Enquanto, alguns estudantes relatam, devido a questões pessoais e questões externas ao estudo da música, apesar de não terem avançado no instrumento como gostariam, ainda assim passaram e sentiram o processo musical de humanização, de entender o outro, de viver em harmonia, que lhes foi de extrema importância para suas áreas de atuação hoje, como: no ambiente de trabalho, em ambientes acadêmicos.

“É impossível fazermos parte de um grupo de arte e não sermos afetados positivamente por ele. Adoro estar no Peixotinho. Fico feliz em encontrar os amigos. Trocar idéias. Ouvir o outro. Contar histórias da vida. Encontrar os jovens. Aprender sempre foi uma grande brincadeira. Ensinar e aprender é um processo contínuo.” (FLAUTA, 2021)

Essa experiência de educação musical no projeto Peixotinho, confere assertiva epistemológica aos estudos de Paulo Freire (2010). “Foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. [...] Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 2010, p. 23-24).

Em suma, para a maioria dos estudantes egressos entrevistados, estudar no Projeto os fez sentir e vivenciar, o que podemos definir a partir da leitura de Freire, como processos de humanização e solidariedade, além da essência de viver música. Esse modelo de educação emancipatório desenvolvido pelo Peixotinho, faz toda a diferença na construção sociedade, para quebra de paradigma, por garantir experiências indescritíveis de entrega e doação através do ensino da arte, e na realização de apresentações em grupo beneficentes, colocando os estudantes como autônomos e livres para suas escolhas enquanto estuda música, sendo como possibilidades um hobby, um desafio pessoal, uma fase necessária para aqueles que querem trabalhar de fato com Música, por exemplo. O projeto os possibilitou aprender um instrumento de própria escolha e conviver com pessoas com objetivos e histórias de vida semelhantes e diferentes, com apresentações em locais públicos e teatros, por exemplo. Muitos estudantes passaram pela experiência de se realizar em apresentações em grupo e individuais para centenas de pessoas, e nunca imaginaram passar por tal experiência, que



exigiu preparo físico e psicológico, dedicação e estudo.

“Em disparado, a melhor experiência que já tive em toda minha vida, poder tocar um instrumento dos sonhos que parecia impossível, conhecer professores e torná-los seus amigos, pessoas e ambiente que traz paz, de fato, a melhor experiência que tive.” (VIOLINO, 2021)

A instituição em si abrange não apenas o lado artístico, mas também o lado pessoal, e o sujeito se vê doando-se a causa do projeto, maior que a si mesmo, permitindo-se fazer cada vez mais música e progredir no instrumento. O ambiente faz com que aconteça uma progressão na autoestima dos estudantes, que influencia na vida pessoal e em muitas escolhas de decisões na vida:

“Tive a oportunidade de ser protagonista em dois espetáculos, espetáculos nos quais foram desafiadores para a minha pessoa, mas que no fim resultaram numa evolução e conquista pessoal inestimável.” (VIOLONCELO, 2021)

O contato com a arte no Núcleo é um processo de humanização. O NMIS promove trabalhos em grupo e faz os educandos e educadores exercitarem o respeito pelo outro e suas individualidades, usando como ferramenta a música, uma linguagem universal. Os educadores musicais colocam os estudantes de música em contato com o que é seu enquanto povo, exercitando a sua identidade cultural. O sentimento de se estar no projeto é de difícil explicação para muitos estudantes e professores, fazer parte de um grupo educacional de arte que trabalha sua própria cultura como expressão de seu corpo e mente é um trabalho emancipatório e humanista. Ouvir o outro, trocar ideias objetivos, contar histórias, encontro de crianças, jovens, adultos e idosos é crescer, um processo contínuo, e o Peixotinho te oferece isso.

O ensino a distância foi uma medida necessária devido à crise sanitária devido ao COVID-19, o distanciamento não é democrático, e nem todos que estudavam no Núcleo possuem acesso digital, além da fase de adaptação em se ensinar e aprender música pela internet representou um grande desafio para muitos. Muitos acreditaram que seria muito difícil por nunca terem se visto naquela situação, porém:

“... cada aluno teve seu horário de aula individual e em grupo também. E os professores tentaram o máximo passar o conteúdo de forma que eu e outros pudéssemos aprender.” (VIOLÃO, 2021)

O processo de adaptação de muitos estudantes se deu de forma lenta devido às dificuldades de acesso à internet. E para alguns, as aulas online foram uma experiências diferentes, funcionando desde o início da pandemia e, durante essa pesquisa, permanecem funcionando. O que representa também um grande exercício educacional de disciplina e perseverança, tanto dos educandos como dos educadores do Peixotinho. Ressaltando a preocupação e importância que os educadores e a gestão do Núcleo Musical têm com os alunos, ainda nesse fase de ensino online, ao dedicarem ao máximo para que os alunos tenham total suporte para aprender e evoluir musicalmente e profissionalmente, tratando as subjetividades e dificuldades que cada um possui durante o aprendizado remoto. Uma qualidade gigantesca da instituição, na qual ninguém é tratado com indiferença.

“O Peixotinho me fez ver como a humanização, solidariedade, importância com a vivência das pessoas e sua interação com a arte, faz toda a diferença na sociedade. É por causa do projeto de uma pessoa, que teve todos esses pontos ditos acima, que pudemos ter uma vivência tão importante em nossas vidas, experiências indescritíveis. Eu aprendi um instrumento, eu convivi com pessoas maravilhosas e espiritualizadas, meu deus eu pude me apresentar em um teatro, toquei sozinha para centenas de pessoas e assim, eu nem vivo da arte e nunca me imaginei tendo esta experiência. Minha vida atualmente é totalmente diferente desse mundo artístico musical, mas eu tenho essa experiência memorável que o Peixotinho me proporcionou e que tenho tanta saudade.” (VIOLONCELO, 2021)

Os estudantes garantem terem aprendido bastante, tanto na área musical (tocando o instrumento, e tendo aulas de teoria da música) como também a cumprir compromissos e ter respeito ao próximo. E garantem que para os processos educacionais, o Núcleo têm muitos professores competentes, que são profissionais com muita paciência para explicar e demonstrar diversas vezes até garantir o aprendizado. Alguns entrevistados, por exemplo, notaram o potencial para educar e lecionar:

“O Peixotinho foi uma experiência única e inovadora na minha vida, eu fui para aprender música e acabei aprendendo com o ser uma pessoa melhor, como lidar com as pessoas e como me abrir para novas experiências, fazendo com que eu superasse medos e travas, as quais não me permitiam progredir como indivíduo.” (FLAUTA, 2021)

Presenciamos assim uma série de afirmações valorativas do aspecto vivencial, humanista, solidário, bem como da valorização de práticas e convivência social e coletiva, e, inclusive, de busca de uma melhor profissionalização em outras áreas do conhecimento

humano. Dessa forma percebemos como o Núcleo Musical Irmã Scheilla, do Projeto Peixotinho, além de ser um espaço musical, pois essa é sua identidade primeira, é sobretudo um espaço de criação de vínculos sociais de humanismo e solidariedade, de desenvolvimento de capacidades para convivência coletiva baseado no respeito às diferenças, de busca por uma vida melhor, tanto profissionalmente quanto humanamente. Conseguimos perceber a partir dessa análise a forte presença da emancipação trabalhada no primeiro capítulo, sobretudo as descobertas apontadas por Paulo Freire, relacionando a emancipação com os processos de humanização que implicam em superação de todos os sistemas de opressão, portanto a contradição opressor-oprimido, e que essa relação horizontal entre os educadores e os educandos no Peixotinho reforça essa humanização, e tal relação horizontal é capaz de provocar a emancipação dos estudantes.

Segue imagens disponibilizadas de uso autorizado pela gestão do Projeto Peixotinho para ilustração do NMIS em aulas e apresentações beneficentes:

Figura 1 - Oficina de musicalização aos alunos da evangelização do Centro Espírita Maria Dolores pelos alunos e professores do NMIS.



Fonte: (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2019)

Figura 2 — Oficina de musicalização aos alunos da evangelização do Centro Espírita Maria Dolores.



Fonte: (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2019)

Figura 3 — Apresentação do Coral do Peixotinho do Núcleo Musical Irmã Scheilla na Igreja Madre De Deus.



Fonte: (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2019)

Figura 4 — Orquestra Peixotinho compostas por alunos do Núcleo Musical Irmã Scheilla, professores e músicos na apresentação



Fonte: (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2019)

Figura 5 — Orquestra Peixotinho tocando para os doadores do Núcleo Musical Irmã Scheilla



Fonte: (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2019)

Figura 6 — Alunos de violão no Teatro Luiz Mendonça no Parque Dona Lindu.



Fonte: (FRATERNIDADE PEIXOTINHO, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendo que a partir de todo o contato com o Projeto Peixotinho, com as concepções de educação emancipatória de Paulo Freire e a partir de grandes autores da filosofia como Kant e Adorno, e, com o grupo diverso de estudantes entrevistados, que o Núcleo Musical do Projeto Peixotinho é além de uma escola de música; um preparatório para concursos de música; um "laboratório" para músicos que já estão na ativa mas não encontram espaços em Recife para atuar; um lar que estimula seres humanos e os incentiva a ser mais; mas principalmente, um ambiente que acolhe sujeitos que não tem definido cabalmente seus objetivos de vida, que na sua maioria estão em fases de mudanças profundas de reconhecimento, e de entender quem são e o seu lugar no mundo, e que lá encontram refúgio do mundo exterior.

Nossos dados adquiridos na pesquisa de campo nos revela como os educandos do Projeto que tiveram contato por mais tempo, cerca de dois a quatro anos, foram capazes de aprender um ou mais instrumentos no seu aspecto inicial, mas já capazes de tocar em festas, roda de amigos e encontros familiares, ainda em processos de aprendizagem do instrumento e da linguagem da música e ainda não os possibilitando viver apenas de música, mas que com certeza, o Núcleo Musical foi essencial para que chegassem até esse nível de maturidade artística e humana, sendo que a maioria não teria condições de pagar um professor particular de instrumento, ou uma escola de música particular. Os estudantes egressos entrevistados garantem que o Projeto foi fundamental para conhecer pessoas da área da música, e que esses vínculos são feitos de amizade, através da cooperação e da solidariedade pelo outro.

Importante ressaltar que a aproximação religiosa de alguns alunos entrevistados está relacionada a subjetividade e individualidade desses, e não de imposição institucional. Além disso, o NMIS foi capaz de aumentar o comprometimento desses educandos com o respeito mútuo a todas as pessoas independentemente de religiosidade, raça, crença, orientação sexual, e inclusive, a consciência de seus direitos fundamentais e de suas liberdades individuais, sendo o exercício da música uma constante prática de resistência e incentivo a expressarem quem são através de seus instrumentos.

O NMIS é um lugar que os estudantes demonstram abertamente a vontade em estar lá, ou de voltar a estar lá; como foi acima introduzido o Projeto: um lar, afinal, foi lá que eles não

só evoluíram musicalmente, mas humanamente e criaram vínculos de amizade para a vida.

Ao aprenderem música, sem essa obrigatoriedade e porque escolheram estar ali, muitos jovens conseguem se expressar e tempo para se aperfeiçoar artisticamente, decidir sem obrigatoriedade se suas vidas serão no rumo da música, tendo sempre a área artística como possibilidade e como um futuro real, ainda que de difícil acesso e de muito aperfeiçoamento. Muitos adultos e idosos de terceira idade são capazes de realizar sonhos de infância ao tocar instrumentos e participar de apresentações, estimulando sua criatividade e vendo seu potencial de se expressar livremente. A partir de todos esses processos extensamente analisados, as vozes dos sujeitos do projeto Peixotinho, o núcleo musical possui o potencial emancipatório humano e educacional elaborado por Paulo Freire. Desde os trabalhos mínimos, ao trabalhar peças por meses para se apresentar em apenas cinco minutos na frente de um palco, o sujeito aprende sobre preparação, espera, disciplina, sobre contar com outro, sobre se conhecer em situações de pressão. Em suma, processos de emancipação vindos de uma educação popular através da música. Os sujeitos possuem a liberdade e autonomia de escolher o caminho da música ou usar os conhecimentos e experiências aprendidos em outras áreas de suas vidas, tanto laborais como acadêmicas. E quem passou pelo Núcleo Musical sabe, a música é e será para sempre uma porta e um caminho a se retornar. O Peixotinho é um projeto merecedor de todo o apoio e investimento que lhe é dado, para que perdure, pois a influência que causa na vida das pessoas que mantêm contato com ele é intensa e de caráter emancipatório. É um projeto que merece total atenção de políticas públicas e que infelizmente somente instituições privadas têm tomado a frente, mas por doações individuais e diretas. Somos capazes, a partir desse ponto, de questionar o papel que o Estado deveria ter em projetos tais quais o Peixotinho e o Núcleo Musical Irmã Scheilla. Atualmente e durante o processo de pesquisa e elaboração deste trabalho, a vida de alguns alunos egressos entrevistados é diferente da que o mundo artístico musical ofereceu, mas as experiências como acima descritas são definidas como memoráveis e importantes para os sujeitos que são hoje, no que tange escutar, trabalhar em grupo e a criatividade para lidar com as adversidades da vida, em compreender o outro e as diferentes subjetividades do viver em sociedade. Experiências as quais o Peixotinho proporcionou e que geram saudade nos sujeitos que mantiveram contato com o Projeto.

O contato que tive com o Núcleo Musical Irmã Scheilla durante esses cinco anos me fez perceber que esse projeto tem um potencial muito maior do que simplesmente formar músicos a nível básico e intermediário, que na verdade já é muita coisa se compreendermos a



premissa que o ensino de música em Recife e Olinda é para quem pode pagar pelo serviço, mas o potencial de como fundamentamos no primeiro capítulo a partir dos autores da sociologia da educação: o da emancipação humana e social. Após formado no curso básico, a instituição me possibilitou passar no processo seletivo do Conservatório Pernambucano de Música (CPM), e conseqüentemente, atuar como músico instrumentista e professor de violino.

Minha graduação em Ciências Sociais e a forte influência do Grupo de Teoria Crítica na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) também foi de extrema influência e importância para a realização desta monografia, para que trabalhar e compreender o ensino da música no NMIS além da técnica musical, mas de um processo emancipatório, e do Projeto Peixotinho, além da estrutura em si, mas de uma instituição com potencial de gerar tais processos a sujeitos vindos de classes populares, que estão em fases de mudança, de fazer escolhas, e que esse potencial era sentido e visto por alunos, pela gestão, pelas pessoas que viam o progresso dos próprios estudantes, mas que não havia um nome claro para esse potencial, que foi fundamentado e nomeado neste trabalho: o da emancipação.

O potencial que o Núcleo Musical Irmã Scheilla do Projeto Peixotinho possui é o da emancipação, de caráter humano e social. As vozes dos sujeitos entrevistados corroboram a hipótese de que o NMIS é capaz de gerar tal emancipação, que foi fundamentada no primeiro capítulo, através da educação e formação musical analisada estruturalmente o Peixotinho no segundo e subjetivamente os alguns estudantes egressos no terceiro, sendo tal emancipação vinda da educação musical, artística e humana dos estudantes, e que essa formação e educação é de caráter emancipatório. Por fim, esclareço que esse trabalho será entregue para todos os entrevistados, como honestidade científica e como agradecimento por terem suas vozes diretamente inseridas nesta monografia; e para a gestão do Projeto Peixotinho, para que tenham esse trabalho em mãos, e que tenham certeza que o Núcleo Musical está mais visível para o mundo acadêmico agora, e como agradecimento, também, por todo o suporte dado a mim ao longo desses cinco anos até aqui.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. In: ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T.W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos Filosóficos, 1947. (Dialektik der Aufklärung –Philosophische Fragmente). Disponível em: <http://kntz.com.br/wp-content/uploads/2009/07/Livro-Dial%C3%A9tica-do-Esclarecimento-E-xcursos-I-e-II-Adorno-e-Horkheimer.pdf>. Acesso em: 25/08/2021.

AMBROSINI, T. *Educação e emancipação humana: uma fundamentação filosófica*. Rio Grande do Sul, p. 378-391, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640058/7617>. Acesso em: 21/07/2021.

BAGOLIN, G. *Práxis - coletivo de educação popular: uma análise das compreensões e práticas dos educadores*. Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20290/Bagolin\\_%20Gabriel\\_Avila\\_2020\\_TC\\_C.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20290/Bagolin_%20Gabriel_Avila_2020_TC_C.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 19/07/2021.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. *Sur l'État. Cours au Collège de France (1989-1992)*. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2012.

FILHO, M. R. S.; BRITO, P. A. *Mobilidade e inclusão no projeto social: núcleo musical peixotinho*. Pernambuco: Recife, 2021.

FRATERNIDADE PEIXOTINHO. *Projeto de consolidação das ações sócio-educacionais do Peixotinho*. Pernambuco: Recife, p. 01-09, 2012.

FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*. 2ª ed. São Paulo: Olho d'água, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 107, 1987.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é o Iluminismo? In: \_\_\_\_\_ *A paz perpétua e outros opúsculos*. (Trad.) Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, B. S. “*Porque é tão difícil construir uma teoria crítica?*”, em Revista Crítica de Ciências Sociais, n.54, p. 197-215. 1999. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Porque\\_e\\_tao\\_dificil\\_construir\\_teorica\\_critica\\_RCCS54.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Porque_e_tao_dificil_construir_teorica_critica_RCCS54.PDF). Acesso em: 20/11/2021.

\_\_\_\_\_. *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. “*Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.*”, in Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses, orgs., *Epistemologias do Sul*. São Paulo, Editora Cortez, p. 31-83. 2010.

\_\_\_\_\_. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

ZATTI, V. *Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

APÊNDICE A — Roteiro para entrevistas com pessoas que realizaram estudos musicais no Projeto Peixotinho

RESPONDA OU ASSINALE AS SEGUINTESS QUESTÕES:

1. Com que idade você entrou no Projeto Peixotinho? \_\_\_\_\_.
  
2. Quanto tempo você ficou no projeto?  
 Menos de um ano  
 De um a dois anos  
 De dois a quatro anos  
 De quatro a seis anos  
 Mais de seis anos.
  
3. Como os estudos musicais no Peixotinho influenciaram a sua vida pessoal e profissional ?  
(Anote 3 para influência muito forte;  
Anote 2 para influência regular;  
Anote 1 para pouca influência;  
Anote 0 para nenhuma influência).  
 Aprendeu bem um ou mais instrumentos musicais, que usa nas festas, rodas de amigos, encontros familiares;  
 Aprendeu bem e vive profissionalmente da música;  
 Despertou interesse para melhorar as condições de vida e profissionalização em outras áreas do conhecimento;  
 Criou vínculos de amizade e desenvolveu os valores da cooperação e solidariedade;  
 Fortaleceu vivências, princípios e fidelidade religiosa;  
 Possibilitou a superação de uma consciência ingênua e manipulada;  
 Aumentou o comprometimento com o respeito mútuo com todas as pessoas independente de religiosidade, raça/etnia, orientação sexual, a defesa dos direitos humanos e as liberdades individuais;  
 Possibilitou maior compromisso político com a busca de uma sociedade humanista, inclusiva e democrática.

4. Se você quiser, apresente exemplos concretos a respeito das anotações que você enumerou nas questões anteriores: \_\_\_\_\_.

5. Você considera que a experiência no Projeto Peixotinho contribuiu para você melhorar as suas condições de existência (educação, saúde, renda, moradia...), se puder, dê exemplos:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

6. Como foi o seu processo de ensino e como foi aprender música durante o período de distanciamento social? \_\_\_\_\_.

7. Outras informações que considera importantes registrar sobre sua experiência no Projeto Peixotinho:

\_\_\_\_\_.

(Fonte: Autoria própria.)

#### APÊNDICE B — Lista nominal de pessoas entrevistadas

Alunos egressos:

FÁTIMA

GABRIELLA E.

GEORGE

JÉSSICA

LAVÍNIA

LUANA

MARINA

MATHEUS

NAYARA

VINÍCIUS

Gestão:

TEREZINHA MENDONÇA